

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA JOSEFA BEZERRA CANELA

**CECÍLIA MEIRELES: UMA POSSIBILIDADE DE ENCANTOS E INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA**

MARINGÁ

2011

MARIA JOSEFA BEZERRA CANELA

**CECÍLIA MEIRELES: UMA POSSIBILIDADE DE ENCANTOS E INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para conclusão do Curso de
Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marta Chaves.

MARINGÁ

2011

MARIA JOSEFA BEZERRA CANELA

**CECÍLIA MEIRELES: UMA POSSIBILIDADE DE ENCANTOS E INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para conclusão do Curso de
Pedagogia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Marta Chaves (Orientadora)

Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Ms. Maria Eunice França Volsi

Universidade Estadual de Maringá

Prof^a. Ms. Eloísa Helena

Universidade Estadual de Maringá

DEDICO

Aos meus queridos filhos, Felipe Augusto Canela e Gabriel Vinícius Canela, que são maravilhosos em minha vida, por terem me compreendido nos momentos de ausência para os estudos e na produção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por ter me dado força e coragem para estudar.

A minha querida orientadora professora Dr^a. Marta Chaves, que sempre me orientou com muito carinho e sabedoria, direcionando-me à pesquisa e pelo amor que demonstra pelas crianças, ensinando-nos a imitá-la.

Ao meu querido professor Ms. Euclides Delbone, que desde 2007 tem sido um presente em minha vida, sempre me auxiliando na academia, ensinando-me e acreditando na capacidade criadora do ser humano, e também por ser um grande amigo.

À professora Dr^a. Sílvia Moraes, por ter me recebido com tanto carinho na UEM.

À professora Dr^a. Irizelda Martins pelo afeto, amor e carinho com que me recebeu na universidade e por ter me mostrado o quanto o amor é fundamental na vida do educador.

Ao professor João César, pelo carinho com que nos ensinou, por ter se dedicado com muito amor a ajudar uma criança que muito necessitava de uma intervenção pedagógica, o Gabriel Vinícius Canela. João César não poupou esforços e isso ficará gravado para sempre em meu coração.

Aos professores da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão e da Universidade Estadual de Maringá, no processo de construção de conhecimentos.

Ao Grupo de Estudos em Educação Infantil (GEEI) pelo carinho, amor e apoio que tem me dado.

Ao meu esposo Jesuel Moreira Canela pela compreensão e apoio financeiro.

A minha querida e amada mãe Isabel de Araujo Bezerra, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando.

Ao meu querido pai José Bezerra Filho (in memorian), por sempre ter me incentivado a estudar, apesar dos contratemplos.

As colegas de graduação pelo amor, carinho, companheirismo e por terem me auxiliado em minha vida acadêmica.

SUMÁRIO

	RESUMO.....	6
1	INTRODUÇÃO.....	6
2	CECÍLIA MEIRELES: UMA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO.....	10
3	CECILIA MEIRELES E A LITERATURA INFANTIL: DESAFIOS E LUTAS CONSTANTES.....	20
4	A IMPORTANCIA DA LITERATURA INFANTIL.....	34
4.1	Caixas de Encantos e Vida.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS.....	41
	ANEXO.....	43

CECÍLIA MEIRELES: UMA POSSIBILIDADE DE ENCANTOS E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Maria Josefa Bezerra Canela*

Marta Chaves**

RESUMO

O estudo apresentado é requisito parcial para obtenção de avaliação no trabalho de conclusão do curso de graduação em Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá, resultado de uma pesquisa desenvolvida no ano de 2011. Destacamos a vida de Cecília Meireles, abordando sucintamente as lutas que a educadora travou para defender seus ideais e contemplamos as suas contribuições para a educação, especialmente no que se refere à Literatura Infantil. A autora expõe os diversos problemas da Literatura Infantil bem como tópicos relevantes como o conceito de livro infantil, a qualidade dos livros e a arte primitiva de contar história, constituindo-se em um verdadeiro legado a todos os que leram essa obra ou pretendem ler e aprender um pouco mais sobre a educadora e poeta. Ressaltamos que estudar a obra de Cecília Meireles é uma possibilidade de encantos e intervenção pedagógica; como referencial teórico, embasar-nos-emos na Teoria Histórico-Cultural, que considera que a constituição do psiquismo humano se dá nas relações entre indivíduo e sociedade.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Literatura Infantil. Teoria Histórico-Cultural.

1 INTRODUÇÃO

A justificativa para o estudo e a análise da obra de Cecília Meireles foi simplesmente por gostar de sua poesia e admirar grandemente esta autora. No terceiro ano da graduação do curso de Pedagogia (2009), houve necessidade de realizarmos Estágio em Educação Infantil, e na busca de poemas para as crianças houve a identificação com "Leilão de Jardim", de Cecília

* Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

** Orientadora, Doutora em Educação, Professora da Universidade Estadual de Maringá.

Meireles. Nas escolas visitadas, observamos o raro trabalho com poesias dessa autora. Nosso gosto por poesias, especialmente as encontradas nos livros "Isto ou Aquilo", "O colar de Carolina" propiciou a utilização do material poético de Meireles em nosso Estágio e culminou na realização deste estudo.

No decorrer desta pesquisa, encontramos muitas dificuldades na busca por material bibliográfico que contemplasse a obra de Cecília Meireles; liamos diversos autores que tratavam da Literatura Infantil, porém nenhum deles apontava esta autora, como, por exemplo, Regina Zilberman (2003), em seu livro "A Literatura Infantil na Escola" que aborda problemas da Literatura Infantil de forma semelhante à que Meireles destaca no Livro "Problemas da Literatura Infantil", todavia, nesse livro Zilberman não cita Meireles, tampouco Marisa Lajolo no seu livro "Usos e Abusos da Literatura na Escola". Lajolo nesse livro indica os problemas dos livros infantis, menciona Olavo Bilac, contudo, foi este último quem concedeu a Cecília Meireles a Medalha de Ouro Olavo Bilac (LOBO, 2010). Ressaltamos ainda que até mesmo Alfredo Bosi (2006) é sucinto em falar de Cecília Meireles, o faz em apenas algumas linhas e dá-nos a impressão de uma grande lacuna e margem ao questionamento: quem seria Cecília Meireles? Em nossas pesquisas, encontramos apenas uma autora, Yolanda Lobo, que trata amplamente da obra e da relevância de Cecília Meireles para a literatura brasileira.

Para redigirmos este trabalho, a pesquisa foi árdua e intensa como em todo estudo dessa natureza, entretanto em momento algum pensamos em desistir, muito pelo contrário, a dificuldade em encontrar referência bibliográfica motivou-nos ainda mais a pesquisar e a escrever sobre uma educadora e poeta tão importante, mas que poucas pessoas conhecem, provavelmente por falta de referenciais que contemplem a obra de Cecília Meireles. Nas escolas que visitamos, verificamos que os professores trabalhavam com seus alunos Monteiro Lobato e constatamos que Cecília Meireles é desconhecida pelas crianças. Quando perguntávamos a estas quem foi Cecília Meireles ninguém sabia responder, mas quando indagávamos sobre quem foi Monteiro Lobato, os alunos respondiam em coro uníssono: "o que fez o Sítio do Pica-Pau Amarelo da TV Globinho".

Neste sentido, muitas são as questões suscitadas por nós: seria Cecília Meireles excluída? Não deram à devida importância a tão nobre educadora? Seria por questões políticas? Porque Cecília Meireles está sendo esquecida na história Brasileira? Seriam suas obras consideradas complexas? Essa última indagação pode ser respondida. Talvez a obra de Meireles seja tida como complexa principalmente em se tratando de seu livro "Problemas da Literatura Infantil", todavia, isso não é motivo para secundarizar uma autora brasileira tão

importante. Julgamos que suas poesias deveriam ser utilizadas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, porque os temas contempladores são bastante relevantes, e suas poesias combinam versos, rimas em um som melódico.

Voltamos à indagação: por que esqueceriam Cecília Meireles? A autora teve uma vida marcada por perdas familiares, no entanto, isso não foi motivo para que desistisse de seus objetivos e projetos para a educação, lutando sempre por seus ideais, travando lutas políticas em defesa de uma educação por excelência. Abordava temas carregados de valores e idéias favoráveis aos pioneiros da nova educação, de certa forma bem convincente da mudança que a educação precisava, levando pais e professores a darem credibilidade a sua fala.

Meireles ansiava por uma educação melhor e por liberdade. Era contra o sistema da educação tradicional, que em sua visão aprisionava a criança e prejudicava a aprendizagem. Publicava textos em jornais, já que era jornalista, demonstrando assim sua preocupação com a formação dos professores. A autora enfrentava lutas políticas e defendia seus ideários em prol da educação.

Diante do exposto, neste estudo objetivamos investigar a produção literária de Cecília Meireles, iniciando com uma síntese biográfica da autora. A produção de Meireles está diretamente relacionada à história da Literatura Infantil em nosso país, importância que se expressa em obras como o “Leilão de Jardim”. Sua obra apresenta traços de musicalidade, versos combinados com rimas e uma sonoridade melódica, características que se tornam marcantes em sua produção. Seus textos são caracterizados por frases bem construídas e ligadas a sons, cheiros e texturas, elementos que apresentam às crianças a informação visual, auditiva, dentre outros aspectos relacionados à percepção e ao senso estético. Nesse âmbito, mencionamos a obra intitulada “Quem me compra um jardim com flores? Borboletas de muitas cores”, na qual a intensidade de suas palavras reforça não apenas a imaginação do leitor, mas também o despertar visual da criança. O conjunto de poemas escritos por Cecília Meireles não é de todo alegre e repleto de vida, há em sua obra traços de tristeza, melancolia, angústia e sofrimento.

O desenvolvimento desta pesquisa ocorreu a partir da observação dos procedimentos pedagógicos realizados em sala de aula junto às crianças da Educação Infantil, em que a Literatura Infantil está – regra geral – relegada a um plano secundário no rol das atividades, nas quais se priorizam as brincadeiras e o aspecto lúdico, desconsiderando o papel da poesia e dos textos literários na formação e no aprimoramento cognitivo das crianças pequenas. A partir dessa constatação, buscamos dirigir nosso estudo sobre a produção de Cecília Meireles,

resgatando sua importância no cenário histórico da literatura brasileira, em especial suas obras voltadas à Literatura Infantil. Isto sem negar a importância das brincadeiras.

Nosso objetivo é analisar a importância da produção literária de Cecília Meireles expressa no livro “Problemas da Literatura Infantil”, identificar os tipos de literatura que contribuem para a formação das crianças na Educação Infantil, descrever os tipos de literatura que contribuem para o desenvolvimento e a formação dos pré-escolares; e explicar a importância da literatura no processo de formação da criança pequena.

Nosso trabalho se divide em quatro partes na primeira parte temos a Introdução texto terá na segunda a vida de Cecília Meireles, sua trajetória na educação, lutas políticas e algumas obras serão citadas, no entanto, a maioria de suas obras estarão escritas em anexo. Na terceira trataremos dos problemas da literatura infantil mencionados por Cecília Meireles. Na quarta parte falaremos sobre a importância da literatura infantil expressa por Coelho, Rego, Moura, Chaves, Craidy e Kaercher. Ainda destacaremos um recurso didático “Caixas de Encantos e Vida” que foi elaborada pensando essencialmente nas crianças, a todas que merecem o acesso a uma vida justa e digna.

2 CECÍLIA MEIRELES: UMA TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO

Lobo (2010) escreve acerca de Cecília Benevides de Carvalho Meireles, assinalando que esta nasceu em 07 de novembro de 1901, na cidade do Rio de Janeiro, filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, e de Mathilde Benevides Meireles, descendente da família açoriana de São Miguel, professora da rede pública de ensino primário do Distrito Federal. Seus avós paternos eram João Correia Meireles, português, funcionário da Alfândega do Rio de Janeiro, e Amélia Meireles.

Antes mesmo de nascer, Cecília Meireles perdeu seu pai e dois irmãos; aos três anos, perdeu a mãe e foi educada pela avó materna, Jacintha Garcia Benevides, viúva, e que tomou como missão cuidar da neta. Desde pequena, Cecília Meireles aprendeu a ler e interessou-se por livros, principalmente os deixados por sua mãe. Conforme Lobo (2010) o fato de a mãe ter sido professora a inspirou a entrar no magistério. Em 1917, Meireles diplomou-se pela Escola Normal do Distrito Federal. Na cerimônia de colação de grau, foi escolhida por consenso.

No ano de 1919, Meireles publicou seu primeiro livro, denominado “Espectros”, cujos dezessete sonetos do poema marcam o passado literário sob influência de seus professores Osório Duque Estrada, Basílio de Magalhães e Alfredo Gomes. Em março do ano seguinte, Meireles foi escolhida para reger uma turma de Desenho da Escola Normal do Distrito Federal, autorizada pelo prefeito. Em outubro de 1922, Cecília casou-se com Fernando Correa Dias, um pintor e desenhista de ilustrações de jornais e livros (LOBO, 2010, p. 14).

Meireles teve três filhas, com os nomes de Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda. O casamento de Cecília Meireles com Correia Dias foi muito importante para a autora não apenas pelo mundo moderno em que o marido estava inserido, como também pela parceria nas ilustrações de suas obras.

Segundo Lobo (2010), em 1923 Meireles publicou seu segundo livro de poesias: “Nunca mais” e “Poemas dos Poemas”; em 1924 e 1925, publicou “Criança meu Amor” e “Baladas para El-Rei”, e todas essas obras citadas foram ilustradas por seu cônjuge. Meireles estava preocupada com a escassez de livros didáticos e escrevia livros para as escolas primárias. Sua produção no gênero didático prosseguiu nas décadas seguintes.

Ainda conforme Lobo (2010), Meireles encerrou a década de 1920 com grandes projetos na educação, o primeiro deles o concurso para a cátedra de literatura vernácula na Escola Normal do Distrito Federal. Em 1937, Meireles lançou “A festa das Letras” em

parceria com Josué de Castro. Em 1939, lançou “Rute e Alberto resolveram ser turistas”, e de acordo com Lobo (2010), esse livro foi adotado pelas escolas públicas para o ensino de ciências sociais no 3º ano elementar e também foi adaptado para o ensino da língua portuguesa nos Estados Unidos.

Meireles possuía um sonho, estudar música, pois queria escrever uma ópera sobre São Paulo, o apóstolo. Porém a autora, pensando que não poderia desempenhar com perfeição as duas atividades, optou por concentrar sua vida na literatura (LOBO, 2010).

Lobo (2010) afirma que Cecília Meireles é conhecida como autora de textos literários como poesia, prosa, conto e crônica, desenvolvendo intensa e marcante atividade como educadora, sendo, entretanto, esse segmento de sua vida pouco conhecido por grande parte dos brasileiros.

Ainda citando Lobo (2010), em 1930 foi realizada a primeira etapa do concurso no qual Meireles defende sua tese “O Espírito Victorioso”:

Nessa tese Cecília destacou os princípios de liberdade, de inteligência, de à observação, à experimentação, introduzidos pela Escola Moderna. Para desenvolvê-la, formulou duas indagações. A primeira provoca e conduz a reflexão sobre o espírito vitorioso: se não quisermos ser um estorvo, *‘que passado queremos ser nós para esses que, no presente, são apenas uma probabilidade para o futuro?’* a segunda orienta sua escolha na arte de dirigir o espírito de investigação: *‘tudo se encadeia nesta sucessão: instruir para educar; educar para viver e viver para quê?’* (LOBO, 2010, p. 16, grifo do autor).

A escola moderna constituía-se em um elogio à nova educação. Para o concurso nesse período, o candidato deveria apresentar alguns exemplares impressos de sua tese.

Na prova de concurso, houve muitos reprovados e desistentes, apenas Cecília Meireles e Clovis do Rego Monteiro continuaram disputando-o, Clovis Monteiro obteve meio ponto a mais que Meireles na prova escrita, a última etapa do concurso foi a prova prática, e a imprensa acompanhou de perto os critérios de julgamento adotados pela Banca, pois Cecília Meireles era responsável pela página da Educação do Diário de Notícias.

A própria Meireles escreveu em sua coluna um comentário alertando os educadores acerca da Reforma Fernando de Azevedo, informando que a banca fora mal intencionada no concurso de Literatura e que deram os examinadores provas de completa ignorância de pedagogia, destacando que as discussões relativas à mesa organizadora haviam começado e que os representantes da Igreja certamente defenderiam seu credo, mas a visão dos

educadores era outra e a Escola Normal não era um seminário, e sim um instituto pedagógico (LOBO, 2010).

Meireles continuava fazendo uma série de “discursos” alertando os organizadores na Reforma. Criou uma página da educação no Diário de Notícias, em 12 de junho de 1930, para que todos acompanhassem o que acontecia na educação mediante noticiário que incluía editoriais, reportagens ilustradas, propagandas, resenhas e as notícias do movimento educacional do país e estrangeiro (LOBO, 2010).

De 1930 a 1933, Meireles escrevia diariamente nessa página de educação, tanto comentários próprios como de outros educadores como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Frota Pessoa, entre outros. Cecília Meireles acreditava no renascimento pedagógico e aproveitava todas as oportunidades para lutar em prol da educação. Era um momento de transição da escola clássica para a moderna. No dia 9 de agosto de 1930, transcreveu um texto de Adolpho Ferrière, que fora publicado na revista *Educación*, intitulado “Como diabo criou a Escola Clássica?”. O pequeno trecho transcrito por Meireles na página da educação apresentava as características da escola tradicional (imobilidade, silêncio, desinteresse, ausências de liberdade e de espontaneidade).

Meireles denunciava a “prisão” que era a escola tradicional e anunciava um novo horizonte educacional de liberdade, principalmente da criança, pois era para as crianças que ela dedicava seus textos como, por exemplo, a primeira edição da Página de Educação foi o texto “A imaginação deslumbrada da Criança” (LOBO, 2010, p. 25).

Para Meireles, a infância é o momento em que começa o processo de formação humana. A autora levou aos leitores do jornal uma página de psicologia, a infância de Pierre Nozière. Apresentou um texto de Maria Montessori, “O mundo das Crianças e o dos Adultos”, em que defende a idéia de liberdade e independência da criança. Meireles publicou ainda “Os brinquedos e sua relação com a vida Humana I e II”, que abordava o caráter educativo dos brinquedos. No texto “A criança e os brinquedos”, a autora ressaltou que a principal causa de desentendimentos entre as crianças e os adultos ocorria em relação ao que cada um pensava em relação aos brinquedos (LOBO, 2010, p. 27).

Meireles acreditava que os brinquedos eram estimuladores de imaginação/invenção e a escola e os pais deveriam tirar proveito disso, estimulando a espontaneidade infantil. Defendia a proximidade do adulto com a criança, mas orientava que deveria ocorrer de maneira cuidadosa, criando um ambiente de simpatia e confiança. Outro ponto importante, segundo ela, era privilegiar menos a escrita correta, porque para a criança é um algema.

Meireles queria mudanças na escola não só no que dizia respeito às questões pedagógicas como também em relação à estrutura escolar, como móveis, paredes, entre outras coisas, assinalando que nem que fosse para ficar apenas as cadeiras para as crianças se sentarem, mas que deveria se fazer uma limpeza na escola e tirar tudo o que era feio, opressor e que lembrava a escola tradicional (LOBO, 2010).

Em 1930, quando Getúlio Vargas¹ assume o governo provisoriamente, toma algumas medidas na educação que trouxeram muitas inquietações para a educadora e jornalista Cecília Meireles, pois nomeou Francisco Campos como ministro da Educação. Essa atitude muito preocupou a autora, pois a junção de educação e saúde em um só ministério, a seu ver, era um erro, e apontou os equívocos da administração Campos, alegando que a educação estava caminhando para segundo plano (LOBO, 2010).

O Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, de Francisco Campos, que instituía o ensino religioso nas escolas públicas com a premissa de que a maioria dos brasileiros eram fiéis à religião católica estava em desacordo com os princípios de laicidade defendidos pelo Estado Federal; Meireles, discordava do Decreto e contestava os argumentos de Campos, apresentou um quadro/estatística com o índice de analfabetismo no Brasil. Para ela, essa lei sancionada pelo presidente Vargas era um crime à nação e ao mundo. Em suas palavras: “Esse ensino religioso nas escolas, que um ministro irresponsável decretou, e um presidente desatento (ou hábil...) sancionou, é um crime contra a nação e contra o mundo, contra os brasileiros e contra a humanidade” (MEIRELES, 1931 apud LOBO, 2010, p. 37).

Nesse período, o coronel Julião Esteves, interventor do Distrito Federal, decidiu nomear o novo Diretor da Instrução Pública, que seria um inspetor escolar, e essa notícia deixou Meireles inconformada, publicando, então, na página de Educação do Diário de Notícias uma advertência ao coronel, pontuando que a Diretoria de Instrução não poderia “cair nas mãos de qualquer moleque político, de qualquer bacharel sem ocupação”, para ela “poderiam perder as esperanças e esperar que um ciclone os extinguisse da face da terra”, mas mesmo diante de sua indignação o coronel nomeou o inspetor Arthur Maggioli. Todavia, assim que a notícia correu, relatando que este inspetor fora nomeado, outra notícia circulou,

¹ Getúlio Dornelles Vargas nasceu em São Borja, no Rio Grande do Sul, em 19 de abril de 1882. Vargas fez os estudos primários em sua cidade natal. Em dezembro de 1907 formou-se em ciências jurídicas e sociais. Em janeiro de 1908, foi nomeado segundo promotor público do Tribunal de Porto Alegre. Em dezembro de 1923 com o Pacto de Pedras Altas. Vargas foi nomeado tenente-coronel **por decreto de Borges de Medeiros** e assumiu o comando do 7º Corpo Provisório em São Borja. Reeleito em 1924, foi nomeado ministro da Fazenda em 1926. Em 1927 candidatou-se na vice-presidência do Rio Grande do Sul e foi Eleito, assumiu o governo em fins de janeiro de 1928. Em 3 de novembro de 1930 Vargas, tomou posse como chefe do Governo Provisório da República. Chegava ao fim a Primeira República, e começava um novo período da história política brasileira, que foi chamado de República Nova (UNESCO, 2007, p. 12).

dando conta que o coronel anulara a nomeação. Novamente Meireles criticou a atitude do coronel Julião Esteves por nomear e em seguida anular, alegando que o coronel não tinha sabedoria (LOBO, 2010).

Meireles aproveitava o momento sócio-político para publicar resenhas de livros e vários artigos relacionados à educação, apresentando como seria a nova educação; além disso, entrevistava alguns educadores importantes naquele cenário. Publicou uma carta de Anísio Teixeira que tratava da realidade educacional brasileira; logo em seguida, Fernando de Azevedo volta a escrever na Página da Educação com o enfoque no trabalho educativo.

Segundo Saviani (2010), Anísio Spínola Teixeira era um educador, e essa opção era bem mais difícil para ser exercida no final da década de 1920, pois a educação não tinha característica profissional, e assim como hoje, também era pouco reconhecida socialmente.

Ele iniciou sua vida pública em 1924, quando foi convidado para ocupar o posto de diretor da Instrução Pública do Estado da Bahia. [...] Em 1931 assumiu o cargo de diretor-geral da Instrução Pública do Distrito Federal. Nessa condição, teve oportunidade de pôr em prática suas idéias renovadoras de modo especial no âmbito da formação docente, criando o Instituto de Educação e transformando a escola Normal em Escola de Professores. Essa escola integrava o Instituto de Educação juntamente com o Jardim da Infância, a Escola Primária e a Escola Secundária, que funcionavam como campo de experimentação, demonstração e prática de ensino para os cursos de formação dos professores (SAVIANI, 2010, p. 218-219).

Notamos a importância atribuída a Anísio Teixeira, educador importante e respeitado. Meireles anunciava com entusiasmo ao seu público que o novo Interventor do Distrito Federal, Pedro Ernesto, havia escolhido como Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal o professor Anísio Teixeira, e então fazia reportagens sobre o educador, mostrando suas qualidades e quão importante era para o povo o educador ocupar aquele cargo. Tudo indicava que o pêndulo da educação se inclinaria na direção dos educadores da Escola Moderna. A Associação Brasileira de Educação anunciava uma conferência que seria o primeiro congresso importante depois do movimento de 1930, o chefe do governo tinha grande interesse pelo congresso, chegando a enviar um telegrama ao Diário de Notícias, publicado na Página da Educação, discorrendo acerca da importância do evento e o papel da educadora/jornalista nesse congresso.

Na abertura da Conferência, o Chefe do Governo Provisório solicitou aos congressistas um plano renovador para a educação brasileira. O grupo católico, que presidia a reunião e se articulava com o ministro Francisco Campos, tentou aprovar, na assembléia realizada no primeiro dia, a resposta

que seria dada ao Chefe de Governo, mas essa ação foi abortada pela interferência de Nóbrega da Cunha (LOBO, 2010, p. 44).

A IV Conferência Nacional de Educação foi importante para os educadores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, e fez-se então oportuno o momento para a educadora e jornalista, juntamente com Fernando de Azevedo, publicar de imediato um documento intitulado “A Reconstrução Educacional no Brasil”. Essa divulgação propiciou diversas manifestações na mídia e no meio acadêmico. Lobo (2010) propala que Meireles explicava aos leitores o objetivo do documento, e em março de 1932 o espaço da Página de Educação foi inteiramente dedicado ao Manifesto da Nova Educação.

O manifesto ainda permaneceu por alguns meses e em julho do mesmo ano Gustavo Lessa explicava os princípios defendidos por ele. O embate entre católicos e educadores foi constante, e em dezembro o grupo católico se desligou da Associação Brasileira de Educação (ABE), mas a luta acontecia também nos espaços públicos. Convém destacar que, embora Meireles tivesse defendido os ideários Escola Novista e aberto espaço na Página da Educação, ela nunca se filiou à ABE. Meireles despediu-se da Página da Educação/Diário e retomou suas atividades educacionais, tornando-se colaboradora da administração de Anísio Teixeira (LOBO, 2010).

Lobo (2010) registra que em agosto de 1934 foi inaugurada a primeira biblioteca infantil do Pavilhão Morisco, a qual era um sonho de Cecília Meireles, pois haveria possibilidade para criar o mundo para as crianças. Esse projeto passou a ser o mais importante da reforma de Anísio Teixeira. Era para ser uma biblioteca infantil do Distrito Federal, mas tornou-se um Centro de Cultura Infantil, objetivo maior de Meireles. Na inauguração, a biblioteca infantil foi denominada “Casa da Criança” pelo educador Anísio Teixeira, pois em sua acepção, a instituição tinha um caráter muito mais amplo do que meramente um centro de cultura infantil.

Na inauguração, as crianças participaram com Correia Dias, que era pintor, de meia hora de encantamentos, pois este desenhava o que as crianças pediam, e dentre os pedidos surgiu o de desenhar a caricatura de Pedro Mattos (professor) e de Anísio Teixeira. “Inicialmente, a organização da ‘Casa da Criança’ compreendia várias secções: de livros, de gravuras, de cartografia, de recortes, de selos e moedas, de música e cinema, de propaganda e publicidade, de observações e pesquisa” (LOBO, 2010, p. 55).

A educadora, como descreve Lobo (2010), estava preocupada em oferecer para as crianças um ambiente agradável, com mobílias novas, lindas e decoradas, sem muito peso,

como ela havia criticado na escola tradicional que ainda fazia uso de tais costumes e acumulava objetos velhos, decorações e pinturas que não se harmonizavam com os novos tempos anunciados. Agora a autora poderia realizar esse sonho ao menos nesse ambiente. Meireles desejava um ambiente agradável para as crianças.

A funcionalidade da decoração das salas, ambientadas para cada seção, trazia uma inovação surpreendente e espetacular: o mobiliário. A sala de leitura, toda organizada com estantes de livros e mesas ao alcance da criança, coloridas, com potes de barro com flores (decoradas por Correia Dias), encantava criança e adultos. O acervo da biblioteca infantil foi cuidadosamente escolhido por Cecília, que já vinha se dedicando ao tema de livros para crianças e adolescentes e realizou uma pesquisa sobre o assunto desde 1931 (LOBO, 2010, p. 55).

A biblioteca infantil enfrentava dificuldades, mas com a dedicação e o esforço de Meireles foi possível manter aquele espaço de aprendizagem e leitura. Logo após a inauguração, Meireles e seu marido viajaram a Portugal, no final de 1934, e quando voltaram, em 1935, viram seus sonhos desfeitos, porque foi muito difícil dar continuidade aos trabalhos no Pavilhão Mourisco. Em 1937, o Pavilhão foi invadido pela polícia por ordem do Estado para o fechamento da biblioteca com a argumentação de que ali havia livros que defendiam ou pregavam a ideia comunista.

Meireles escrevia semanalmente em jornais em forma de crônicas; discorreu acerca de sua viagem a Portugal, descrevendo o percurso como também suas emoções ao despedir-se dos amigos no Brasil. A autora, além de manifestar seus sentimentos e emoções, expressava seus sentidos através das cores, odores e visões. Ela descrevia o mar absoluto quando não mais avistava a terra, em sua obra “Mar Absoluto”. Recebida em Lisboa como “embaixatriz da Inteligência e da cultura brasileira”, Meireles pronunciou uma série de conferências focalizando o desenvolvimento cultural brasileiro (LOBO, 2010).

Ainda em suas viagens, fez coletâneas de cantigas populares que foi publicada pela Universidade de Lisboa. Em 1935, Meireles retomou seu trabalho de educadora na escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. Por meados de 1930, ela viveu outro momento difícil em sua vida, tanto no que diz respeito a sua vida profissional quanto particular, ela escreveu uma carta a Fernando de Azevedo relatando estar decepcionada com a maneira pela qual havia encontrado o Brasil e dizia ainda que já sentira ternura pela terra, mas que naquele momento se sentia triste em ter aquela pátria (LOBO, 2010), e também pelas mudanças políticas de 1935, que demitiram Anísio Teixeira e o substituíram por Francisco Campos.

As mudanças políticas ocorridas no Brasil em 1935 e a demissão do professor Anísio Teixeira, deixaram-na perturbada e insegura no que se refere à continuidade da reforma empreendida por esse educador, principalmente com a nomeação de Francisco Campos para substituir Anísio na secretaria de Educação (LOBO, 2010, p. 60).

Correia Dias, marido de Meireles, se suicidou tempos depois, contudo a autora continuava sua vida, cuidando de suas filhas e assumindo total responsabilidade por elas, como também por sua carreira profissional, apesar das diversas dificuldades, e com Francisco Campos na Secretaria de Educação, tudo ficava ainda mais difícil para ela, que em um momento até escreveu uma carta a sua amiga Fernanda de Castro, de Portugal, declarando estar ao ponto de perder seu cargo por conta de um movimento revolucionário (LOBO, 2010).

Como a autora já havia traduzido “As Mil e Uma Noites”, conforme Lobo (2010), ela pensava naquele momento (1937) em traduzir um livro que condenava o nazismo, mas não havia por parte das autoridades brasileiras inclinação para apoiá-lo. Meireles escrevia literaturas, e nesse momento sua escrita era uma espécie de autobiografia, na qual podemos encontrar fragmentos de sua história. O original “Olhinhos de Gato” Meireles enviou para sua amiga Dulce, que o publicou em fascículos em uma revista portuguesa. Seu livro “Viagem” conquistou o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras (1938).

Lobo (2010) postula que Cassiano Ricardo foi o autor que concedeu o prêmio da Academia à Cecília. Assim este autor descreve o livro “Viagem” de Meireles.

O que se observa nas composições de *Viagem* é uma riqueza enorme de vida interior. Nítida compreensão humana das coisas. Surpresa de observação quando ela recorta um trecho de paisagem com seu espírito agudo e lhe dá umas tintas frescas e puras de sentimento. O livro espelha o instante dramático do mundo que estamos vivendo. É todo ele feito de uma inquietação que é o grito surdo e silencioso posto em rimas também suadas e silenciosas. Inconformismo que não encontra remédio na desordem do mundo atual. A poesia de Cecília Meireles tem o dom de reduzir as coisas a um mínimo de matéria e cor, sem desprezar a música incorrigível e secreta [...] que ficou em nós, neste país que é um tesouro de ritmos. Cecília Meireles não se limita a ser um poeta, mas um pensador também, não só um poeta, mas um artista compenetrado dos mais sutis valores que soube criar e que nem todos terão a agudeza de espírito e de sensibilidade para compreender. A novidade de forma, do ritmo, de idéia lhe dá o direito de dizer coisas que outros poetas não se lembraram de dizer ainda. Sua poesia tem força expressional. Ela mostra que pode ser moderna guardando o sentido de disciplina e do bom gosto. Cecília Meireles realiza dois passeios, um às fontes puras e tradicionais do sentimento no momento em que todos fazem do intelectualismo, e outro, aos clássicos, na desordem do mundo

atual. O resultado desses dois passeios é um brinde ao leitor (RICARDO, 1939 apud LOBO, 2010, p. 62-63).

Observamos o quão importante eram as obras de Meireles. Em se tratando do seu livro “Viagem”, a autora utilizou-se de sons, rimas e versos para denunciar o mundo dramático em que vivia e a desordem do mundo atual, como destacou Cassiano Ricardo na citação acima.

Em 1939, Meireles reassumiu as atividades docentes da rede do Distrito Federal na escola Campo Sales. Em 1940, casou-se com Heitor Vinicius da Silveira Grillo, engenheiro de formação humanística que se preocupava em aperfeiçoar a educação no Brasil, na direção da Escola Nacional de agronomia Heitor Grillo, e a transformou em um centro de pesquisa. Lobo (2010) relata que em 1940 Meireles foi convidada para lecionar Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas, e percorreu de 1940 a 1950 a América Latina, Europa, Ásia e Índia, onde recebeu seu título de Doutora Honoris Causa da Universidade de Nova Delhi.

Em 1942, publicou “Vaga Música”; em 1945, “Mar Absoluto” e outros poemas; em 1949, “Retrato Natural” etc., e ao mesmo tempo Meireles desenvolvia outras atividades na educação, jornalismo, literatura, tradução e novos trabalhos como pesquisadora. Meireles era colecionadora de objetos populares como folclore, bonecas, entre outros objetos de arte do povo, inclusive escreveu crônicas sobre o folclore e algumas foram publicadas no jornal A Manhã do Rio de Janeiro, nos anos de 1940. Na inauguração da Exposição de Artes e Técnicas Populares realizada no Pavilhão de Ibirapuera, Meireles pontuava que a exposição provocava no espírito humano uma coisa antiquíssima e atual, que confunde o que somos no que fomos, seríamos ou seremos, dependendo do ponto analisado.

Em 1946, Meireles escreveu para o teatro de marionetes a peça folclórica intitulada “A Nau Catarineta”, e ainda participou da Comissão Nacional do Folclore, tendo inclusive secretariado o 1º Congresso Nacional de Folclore, em 1951. Meireles escreveu para jornais como “A Nação”, “Folha Carioca”, “Diários Associados”, “A Noite e a Cigarra”. Participava também de programas de rádio que contavam com a participação de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Rubem Braga.

Lobo (2010) destaca que em 1953 Meireles apresentou “Romanceiro da Inconfidência”, resultado de suas pesquisas referentes ao movimento da Inconfidência Mineira, para as quais passou longo tempo na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Um dos poemas desse livro “Do Negro nas Catas” denunciava a realidade da escravidão no Brasil.

Meireles traduzia diversos livros e textos, e ainda produzia peças encenadas e publicadas, sendo uma delas “O Menino Atrasado”.

A literatura infantil sempre foi motivo de preocupação para Meireles, e essas preocupações constantes a levaram a pronunciar palestras relativas aos problemas da literatura infantil, as quais resultaram em um livro da Coleção Pedagógica da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais. A obra de Cecília foi traduzida em livros e revistas em diversos países da Europa, da Ásia e da América. No Brasil e no mundo foram prestadas homenagens a Meireles (LOBO, 2010).

3 CECILIA MEIRELES E A LITERATURA INFANTIL: DESAFIOS E LUTAS CONSTANTES

O texto “Problemas da literatura infantil” de Cecília Meireles foi o resultado de três conferências realizadas em janeiro de 1949, promovidas pela Secretaria de Educação, nas quais se discutiam literatura infantil. Segundo Meireles (1984), o que se pretendia não era dar solução aos diversos problemas da literatura infantil, mas insistir na importância da literatura. A autora apregoava que se o assunto discutido pudesse exprimir alguma aspiração, que fosse a de uma organização mundial de uma biblioteca que unificasse a cultura infantil.

Para Meireles (1984), a literatura não era somente a escrita, era também a pronunciada, destacando que a literatura acontecia no meio dos iletrados mediante a fala, e acrescia que, mesmo sem saber ler ou escrever, os povos primitivos compunham cânticos, lendas, histórias e provérbios, que iam sendo transmitidos de boca em boca através dos tempos, formando uma ampla literatura.

Meireles (1984) postulava que esse tipo de literatura oral, quando escrito, se tornava folclórico, e que esse desvio sobre esses dois aspectos da literatura permitia questionar se a literatura infantil fazia parte dessa literatura geral. A autora respondia afirmando que tudo é uma literatura só, mas que devemos considerar o que é importante de fato para o público infantil.

Na visão de Meireles (1984), se classificássemos como literatura infantil o que as crianças liam com utilidade e prazer não haveria então literatura classificada como infantil *a priori* e sim *a posteriori*. A autora enfatizava que a confusão estava em propor um problema quando já se estabelecera uma literatura infantil e que essa classificação se tornava um tanto complicada, pois havia livros que não possuíam atributos literários senão o simples fato de terem sido escritos, assinalando ainda que o equívoco estava em juntar palavras para formar uma obra como se isso bastasse para classificar o livro como literatura infantil (MEIRELES, 1984).

Na concepção de Meireles (1984), o livro de aprender a ler tinha como prioridades o exercício da linguagem e a obediência às recomendações pedagógicas, e os textos ficavam na dependência desse mecanismo e sem possibilidade para a imaginação, como também os livros de texto, que não passavam de obras didáticas de comunicação instrutiva.

Conforme Meireles (1984), uma questão fácil de resolver seria a de classificar como livros infantis aqueles que eram simples e de fácil acesso das crianças, mas a autora ao mesmo tempo se contrapunha, dizendo que isso não bastava para classificar o livro como literatura infantil, como se o mundo secreto das crianças fosse tão simples e tão fácil; nesse sentido, poder-se-ia afirmar que qualquer tema que fosse suficiente para a elevação moral da criança que fosse escrito de maneira singela poderia tornar-se um livro infantil. Para a autora,

Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto, para poder comunicar-se com a infância, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. Saber-se, também, se os adultos sempre têm razão, se, às vezes, não estão servindo a preconceitos, mais que à moral; se não há uma rotina, até na Pedagogia; se a criança não é mais arguta, e sobretudo mais poética do que geralmente se imagina [...] (MEIRELES, 1984, p. 30).

Meireles sugere que, ao invés de se classificarem os livros e os julgarem como infantil, estes poderiam ser submetidos ao uso para que a criança pudesse manifestar sua preferência, se os livros a satisfiziam ou não. A autora ressaltava que se pudéssemos crescer sem perder a sensibilidade de criança e a claridade com que víamos os livros quando se abriam seria bom, pois a pedagogia não poderia explicar tudo se não fosse por esse sopro sentimental infantil que os homens perdem com o decorrer do tempo ou escondem por vergonha.

Para Meireles, se fosse determinado como seria um livro adequado às crianças como uma receita, talvez pudesse tornar-se desinteressante um livro feito sob medida. E ainda alertava que a pouca atenção dada ao livro não revelava a preferência ou a aprovação da criança, mas o livro teria que influenciá-la, fazer parte da sua vida para sempre, que a criança o carregasse consigo através da paisagem, música, descobrimento e comunicação.

Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda...tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal (MEIRELES, 1984, p. 31).

Meireles discorria em seu texto que só nesse sentido interessaria falar de literatura infantil. Para ela, a literatura não se constituía em um passatempo, e sim em uma nutrição. E destacava que muitos livros da época foram esquecidos, postos de lado e envelheceram, pois haviam servido ao leitor de uma época e faltavam aos livros eternidade, que fazia parte do sonho tanto do adulto quanto da criança. Segundo Meireles, havia livros sem conteúdos de

qualidade, quase sem aproveitamento, pontuando que o conteúdo e a organização eram aspectos importantes para o leitor. Para ela o que mais animava a venda desses livros de conteúdo frágil eram as ilustrações, e, talvez, as tantas propagandas, portanto:

Os livros que mais têm durado não dispunham de tamanhos recursos de atração. Neles, era a história, realmente, que seduzia – sem publicidade, sem cartonagens vistosas, sem os mil recursos tipográficos que hoje solicitam adultos e crianças fascinando-os antes de se declararem, como um amor à primeira vista [...] (MEIRELES, 1984, p. 36).

O fato de o conteúdo ser considerado o mais importante em um livro não queria dizer que este não deveria apresentar gravuras e ou figuras. As ilustrações eram importantes no incentivo à leitura do livro como também no auxílio à compreensão da escrita e no desenvolvimento da percepção e atenção da criança.

Segundo Meireles, no século XIX ofereciam-se variadas leituras infantis, diferentemente dos séculos anteriores. No início da era colonial, havia impedimento do uso dos livros, principalmente de livros infantis. A leitura não era privilégio de todos, enquanto que na Europa, nesse mesmo período, já havia livros escritos pensados para a criança e que “só mais tarde viemos a conhecer” (MEIRELES, 1984, p. 38). Ainda conforme a autora, “Desses livros e de outros mais temos notícias pelas próprias edições, pelos prefácios tão explicativos de seus autores, e por alguns leitores antigos, que anotaram, com suas recordações de infância, as de suas primeiras leituras” (MEIRELES, 1984, p. 38).

Dessa maneira, outras crianças entretinham-se com fábulas mitológicas como a literatura de cordel, Goethe o “Orbis Pictus”, de Comenius, e a “Enciclopédia Ilustrada” que era de meados do século XVII, de autoria de um pedagogo famoso, assinalando que esse tipo de livro sim fora realizado com intenção educativa.

De acordo com a autora, com o passar do tempo ela foi encontrando outras leituras, como as de Hans Christian Andersen, que para ela era um escritor adorável e deveria ser o mais querido dos autores infantis. Em sua visão, a definição de um livro bom era aquele que servia para toda vida, desde a infância até a velhice. “No passado, é comum verem-se livros usados indistintamente pelos adultos e pelas crianças. Como Goethe, e apesar da distância de dois séculos, é Ovídio um dos primeiros autores lidos por Montaigne [...]” (MEIRELES, 1984, p. 42).

Meireles (1984) apregoava que a literatura oral era importante para a transmissão da cultura dos povos, e era esse tipo de literatura que circulara entre os povos primitivos antes dos livros, sem se preocuparem com o valor estético, e que surgiu depois como acessório de valor, de interesse imediato. Eram escolhidos os mais aptos contadores de histórias para o

ofício, como uma espécie de seleção profissional e o que melhor se sobressaísse, com a voz, mímica e a arte de representar, se tornava o contador de história.

Meireles destacava que os narradores anônimos é que salvaram do esquecimento as lendas, histórias, fábulas, canções, adivinhações, provérbios e uma boa parte da educação da humanidade e os Irmãos Grimm, dentre outros, procuraram repetir essas lições de forma escrita (MEIRELES, 1984).

Conforme Meireles (1984), com o passar do tempo não mais haveria contador de história, e o livro supriria essas ausências familiares. Suas considerações em relação à literatura oral eram que, embora fosse importante, havia dois lados: um, que ensinaria às crianças a experiência vivida por outros povos, e que apesar de ser transmitida de modo empírico transmitia as noções de mundo e seus diversos problemas, e outro, que era dispensável certos benefícios materiais entendidos como superstições.

Do valor dessa literatura, primitivamente oral, fala-nos o interesse dos copistas, a serviço dos nobres ou das instituições religiosas e culturais. O conteúdo moral de tais histórias tornava-se instrumento de educação, como se pode ver claramente da apresentação de algumas dessas obras (MEIRELES, 1984, p. 56).

Meireles aponta que as literaturas tradicionais eram destinadas a homens e não à criança, e normalmente esses livros continham exemplos de valores morais, sociais, de regras de conduta, dentre outros ensinamentos, e que por séculos perpetuou-se o ideário do ensinamento útil sob um adorno ameno que priorizava a estética como um acessório importante para atrair o pequeno leitor com seus ensinamentos moralizantes. "Por parecerem fáceis, frívolas, essas lições não atrairiam o leitor, seduzindo-o como simples divertimento?" (MEIRELES, 1984, p.70). Já outros escritores tinham a preocupação de entretenimento sem pensar em moralizar e acostumaram-se tanto com histórias de fundo moral que Charles Perrault chega a pedir desculpas ao publicar seus contos em versos, pois se mostravam inferiores em relação à moral, mas ao final de seu livro discorre sobre a diferença dos textos escritos em tempos pagãos e depois cristãos, que visavam à moralização.

Perrault esperava que as mães transmitessem aos seus filhos essa herança do passado, cujo valor educativo encarecia. E foi feliz. Tanto seus três contos em verso 'Grisélidis', 'Pele de burro' e 'Os pedidos ridículos' como seus contos em prosa – 'A bela adormecida', 'Chapeuzinho Vermelho', 'Barba azul', 'O gato de Botas', 'As fadas', 'A gata Borracheira', 'Riquete de crista' e 'O pequeno polegar' são populares não só na França, mas no mundo inteiro, e de tal modo absorvidos na tradição comum que poucas pessoas, ao

contá-los, sabem que foram recolhidos por Charles Perrault' (MEIRELES, 1984, p. 72-73).

Meireles salientava que no século XVII eram comuns as histórias da carochinha, no entanto naqueles dias essas histórias constavam nos livros, e acrescenta que havia uma insistência do tradicional nas literaturas infantis tanto na oral quanto na escrita, lições que moralizavam. As religiões tentavam realizar a fraternidade e essa moral leiga que ajudava a realizá-la.

Em conformidade com Meireles (1984), alguns autores escreviam histórias bíblicas associando o profano e o sagrado, como histórias de Adão e Eva, O Dilúvio, Abraão, Isaac entre outras parecidas. Eram essas particularidades que apresentavam a literatura tradicional e eram quase todas iguais em todo o mundo, embora sofressem transformações regionais.

Meireles afirmava que depois do tradicional pagão estava posto o tradicional cristão. Havia obras carregadas da influência tradicional e popular, representadas pelos trovadores e contadores de histórias.

Segundo Meireles (1984), em todas as literaturas infantis permeava a literatura tradicional. Para a autora, desde sempre era a literatura tradicional a primeira a se instalar na memória da criança, e era por esse caminho que a criança via as coisas.

Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha, tonta do nascimento, na paisagem do seu próprio mistério. Essa pedagogia secular explica-lhe, em forma poética, fluida, com as incertezas tão sugestivas do empirismo, o ambiente que a rodeia – seus habitantes, seu comportamento, sua auréola (MEIRELES, 1984, p. 83).

Sem narradores que pudessem dar continuidade às histórias contadas, foram então fixando por escrito onde a criança pudesse um dia inclinar-se a esses ensinamentos, considerados por seus escritores e contadores, importantes para a sua formação humana. Meireles assinala que ainda ousavam dizer que era essa a literatura infantil com maior contribuição. Para a autora, haviam abandonado a redação escrita das parlendas, provérbios e adivinhas, que, de alguma forma, estavam relacionados aos brinquedos. Destacava que na província onde a vida era mais lenta, as formas da literatura tradicional tendiam a durar mais. Já nos grandes centros havia cinemas e rádios e a autora sentia a falta das literaturas tradicionais, consideradas como sabedoria falada.

Meireles (1984) destacava quatro casos da literatura, sendo o primeiro a questão da redação escrita das tradições orais que nem sempre eram fiéis às originais por sofrerem influência estilista do autor. O segundo caso é o dos livros escritos para a criança, que depois passaram a ser usados por todos. O terceiro caso é o dos livros não escritos para as crianças, mas que as crianças acabaram utilizando e foram necessárias adaptações, reduções, com o objetivo de elas os compreenderem. O quarto caso é que não que fosse desnecessário escrever para a infância, mas foram escritos muitos livros para a infância, mas que esses livros lograram o êxito pretendido.

Meireles (1984) assinala que Jean-Jacques Rousseau era um filósofo muito conhecido e passou parte de sua infância solitário e suas leituras eram romances como os de d'Urfé e de La Calprenède, pois seu pai era viúvo e o menino Rousseau passava muitas noites sozinho lendo fantasias sentimentais. A autora destacou que aquelas leituras pareciam ter prejudicado Rousseau, que escreveu em sua obra que essas emoções confusas que ele sentia a toda hora na infância, as noções romanescas, mais tarde, na fase adulta, apesar da reflexão que ele fazia, jamais poderiam curá-lo desses sentimentos frustrados que ele viera a ter.

Havia outras literaturas infantis que prejudicavam as crianças, entre elas “Viagens de Gulliver” de Swift, que a publicou em 1726 anonimamente, sem pensar que estaria escrevendo uma obra de literatura infantil, uma sátira aos partidos políticos da Inglaterra e que “esgotou-se a primeira edição numa semana” (MEIRELES, 1984, p. 92). Segundo Meireles, a obra era entendida de forma diferenciada, cada um entendia como queria ou como podia. Essa obra foi lida por adultos e crianças.

O leitor de hoje, sem saber nada da Inglaterra de Jorge I, continua a divertir-se ou a meditar, enquanto Gulliver viaja pela terra dos gigantes e dos pigmeus, sentindo-se ora tão grande, ora tão pequeno, entre leis tão absurdas e linguagens tão enigmáticas [...] (MEIRELES, 1984, p. 92-93).

As “Aventuras do Barão de Münchhausen”, publicadas em 1735, também eram uma sátira às fanfarronadas do oficial que contava proezas na Rússia, onde esteve por combater os turcos; esse livro fez muito sucesso, foi traduzido e com essas novas traduções, vieram outras tantas mentiras. Segundo Meireles, esse livro, que circulava em quase todos os idiomas, fazia parte da biblioteca infantil. Outros livros que também fizeram parte da literatura infantil foram os de Alexandre Dumas.

Dumas tinha a seu serviço uma porção de escritores e com isso pode publicar tão vasta obra.

[...] Alexandre Dumas inventava, inventava [...] Seus heróis podem ser absurdos; suas aventuras, impossíveis; os diálogos, excessivamente teatrais; os fatos inverídicos. A história deforma-se, em suas mãos; toma feições inauditas; a linguagem é prolixa; não se pode dizer que Dumas seja um modelo de aticismo. Todos os críticos o reconhecem. Mas é inegável a magia com que os livros se apoderam dos leitores, acorrentando-os ao interesse da narrativa, arrebatando-os de volume em volume, interminavelmente (MEIRELES, 1984, p.93 e 94).

Essas leituras para adultos apreciadas pelas crianças é que levavam a pensar que só após uma experiência com elas é que se podia entender quais eram as preferências das crianças; desse modo, a literatura infantil, em lugar de ser aquela que fora escrita para as crianças, acabava sendo aquelas que elas liam com agrado.

Com essa visão, colocaram à disposição das crianças diversos livros para que elas pudessem formar sua biblioteca, estabeleceram uma lista de livros franceses para leitores entre 5 a 14 anos. Alberto Insúa também sugeria leituras de autores espanhóis, organizando uma biblioteca universal de primeira ordem que permitisse leituras de cultura desde a infância, tendo como base o folclore nacional e mundial.

Para Meireles, o moral, o instrutivo e recreativo é uma distinção precária e difícil de ser estabelecido nesses livros, mas que pode ser encontrados em raros livros; um deles, que ao mesmo tempo que falava de algarismos e virtudes conduzia o leitor a novos horizontes. Os livrinhos de fundo moral e que os pais e avós ganhavam na escola no encerramento de fim de ano das aulas, e com eles reafirmando suas convicções de não mentir e amar o próximo também eram problemas, segundo Meireles. Para ela, Jean Macé publicou, em 1861, uma interessante obra denominada “A história de um bocado de pão”, que objetivava explicar a função do corpo humano e seus órgãos, o que ela a chama de literatura de “instrução amena”. Já os livros de Júlio Verne seriam difíceis de caracterizar, pois foram escritos com objetivo científico, cuja técnica estava em segundo plano. Mme. de Ségur escrevia femininamente tal como as avós e as amas que contavam histórias. Nesse sentido, Meireles asseverava que as crianças se dividiam entre os dois autores.

Meireles postula que esses dois autores eram raros, pois poucos escritores dedicavam todas as suas obras à infância coroada de êxito absoluto. Para ela, se os dois autores estavam se declinando não era por culpa deles, mas pelo avanço da ciência e da técnica e seus livros passaram a um plano anacrônico. Nenhuma literatura do século XIX era tão interessante quanto a de Lewis Carroll, que escreveu “Alice no país das maravilhas” e “Alice no país do espelho”, na perspectiva de Meireles

A singularidade desses livros é que, construídos com elementos da realidade, são muito mais ricos de maravilhoso que qualquer história de fadas. Nem os contos de Perrault, nem os de Grimm, nem os de Andersen se aproximam desse deslumbramento (MEIRELES, 1984, p. 105).

Os outros livros consistiam em tornar possíveis as coisas desejadas e que por algum motivo acabavam sendo inacessíveis, pois quando o herói não vencias as situações, no dizer de Meireles, as resolviam por fórmulas mágicas e o sonho acabava pousando como prisioneiro na varinha de condão. Já nos livros de Carroll descobria-se um mundo real, maravilhoso em coisas do cotidiano e nas pessoas, era uma nova visão de vida, de segredos das leis que regem a humanidade, uma relação entre os fenômenos e os sujeitos da história. Havia algo poético e profundo nesse livro, como afirma Meireles.

[...] Ao descer pela toca do coelho, Alice passa a habitar – como quando atravessa o espelho – um país diferente e conhecido, como quando fechamos os olhos e nos percorremos, num ato de introspecção. As surpresas despontam de todos os lados. Quem somos afinal? (MEIRELES, 1984, p. 106).

A autora transcreve alguns trechos da obra, sendo uma dela a parte em que a lagarta faz uma pergunta à Alice, “quem era Alice?”. E esta responde não saber, pois mudamos a cada instante e depois de outro personagem que responde saber quem somos, mas não quem podemos ser. Meireles considera que os leitores de Alice tomariam por gracejo essa questão da dúvida por sua personalidade, mas que nós, adultos, sabemos como isso é verdade, a dúvida pela nossa personalidade e que, mais tarde, quando estes forem grandes, compreenderão a questão. Para Meireles (1984), algumas passagens do livro eram surrealistas, outras envolviam problemas de lógica, exemplos de pensar, de relatividade, ainda havia trocadilhos de palavras, umas folclóricas, que acentuavam o caráter nacional e iluminavam as crianças. A poesia, na visão da que autora, estava derramada em todas as páginas.

Segundo Meireles (1984), Carroll escreveu esse livro para a pequena Alice Liddel. Ela ainda esclarece que se deteve mais nesse livro exatamente por conter aspectos singulares que poderiam explicar os problemas da literatura infantil, e prossegue:

[...] Como se sabe, a história foi inventada durante um passeio que o jovem professor Charles L. Dogson fez, certo dia de verão, com as três meninas Liddel. Não era a primeira vez que passeavam, nem a primeira história que ele inventava para entretê-las. Mas foi essa história que particularmente

interessou a Alice, uma das três irmãs, a ponto de fazê-la pedir a Dogson que a escrevesse, para não ser esquecida (MEIRELES, 1984, p. 109).

A autora ainda destacava que a menina Alice deveria ser encantadora e excepcional.

Encantadora e excepcional, para elevar-se com uma narrativa que a cada instante foge do plano da realidade e oniricamente se move, alada e sensível, num mundo que a imaginação borda com todos os seus caprichos. Eu disse encantadora e excepcional! Ah! Lewis Carrol disse apenas ‘a true child’. Porque assim deviam ser todas as crianças, palpitantes de celeste graça, envoltas ainda nesse mistério que chamamos ‘divino’ (MEIRELES, 1984, p. 110).

Conforme a autora, antes de ser um texto escrito, foi uma história falada, contada a três meninas e que se supõe que elas o ajudaram na elaboração da história, com suas observações e perguntas. Segundo Meireles, antes de a história ter sido construída, passou pela análise da criança e Alice a quis escrita para não se esquecer. “[...] E quando, pelo natal, Lewis Carroll comovidamente lha entregou, as outras crianças que dela tiveram notícias exclamaram: ‘Deviam tirar sessenta mil exemplares!’ E como as crianças tinham razão!” (MEIRELES, 1984, p. 110).

Para Meireles (1984) a quem julgou que a clareza deveria ser indispensável a um livro infantil podia ver que em Alice havia certos aspectos um tanto obscuros, que até pareciam escritos para adultos e ainda havia certos adultos que ficaram tão surpreendidos pelo interesse da menina, pois nesse reino tão obscuro há uma claridade secreta que só a criança tem desde o nascimento, e carrega consigo de maneira silenciosa, depois, essa presciência é tirada e só ficam as recordações da sabedoria.

Meireles pontuava que o século dezenove foi rico em livros infantis, mas que ela gostava particularmente de “Coração” de De Amicis, mas naquele momento havia apenas fragmentos da obra nos livros didáticos, como o de João Ribeiro, que ela julgava que a criança jamais o entenderia em toda sua emoção, questionando que influência poderia ter se estava sendo lido aos pedaços.

Conforme Meireles (1984), De Amicis escreveu o livro em 1866 para seu filho e obteve grandes êxitos com várias traduções, mas que seu valor só poderia ser apreciado com uma leitura seguida sem ser interrompida, como se estava fazendo. E questionava: “[...] É conveniente fazer ler à criança fragmentariamente, e sem seqüência própria, uma novela ou história longa? Ou devem sempre ser preferidas para exercícios de leitura as histórias curtas, que não dependem de continuação?” (MEIRELES, 1984, p. 114).

Para a autora, esse era outro problema das leituras infantis. A autora citou Pinóquio e revelou ser uma história simbólica e maravilhosa com suas virtudes, mas que o objetivo central da obra era destacar os defeitos do personagem central, um malcriado, desobediente, teimoso e que aprende com seus próprios erros, perdurando assim o tradicional nessa obra. Afirmou que Mark Twain descreve as recordações de sua infância movimentada e vibrante, e para ela essa linguagem autobiográfica foi um estímulo ao público infantil por não se tratar da vida de adulto e sim algo vivido por outra criança, como se esta confidenciasse a outras crianças, como um brinquedo em comum.

Os livros que acabamos de analisar formam uma biblioteca ‘Clássica’ da infância. Sem falar das obras de fundo nitidamente folclórico (que essas chegaram confusamente da mais remota antigüidade) – as que trazem nome do autor pertencem a épocas muito variadas. É curioso observar que, ao lado de livros recentes, como os de Selma Lagerlöf, Juan Ramón Jiménez ou Kipling, estão os de Swift e Defoë, já seculares (MEIRELES, 1984, p. 115-116).

O fato é que, segundo a autora, os livros vem e vão sem conquistar a admiração do público infantil.

O certo é que, antigamente, lia-se menos, porém melhor. Rousseau imaginava que com o Robinson Crusoé Emílio teria leitura suficiente, senão para toda vida, pelo menos para a infância toda [...] De lá para cá, tornaram-se os Emílios demasiado exigentes ou mudaram os preceptores de idéias? Nem uma coisa e nem outra; mais parece que foi a indústria do livro que se decidiu a explorar um público aparentemente indefeso e evidentemente copioso (MEIRELES, 1984, p. 116).

A autora apontava que havia um aumento de bibliotecas infantis de diversas maneiras com fragmentações de livros, de coleções, sendo estes seculares ou contemporâneos, pois parecia que esse era o caminho mais natural e acertado, em que as crianças poderiam receber essa contribuição literária (MEIRELES, 1984). Para a autora, o certo é que os livros que resistiram ao tempo eram os que possuíam uma essência de verdade, capazes de satisfazer à inquietação humana e que cativavam o leitor desde a primeira página até a última, e que o milagre fundamental estava nas mãos do autor (MEIRELES, 1984).

Segundo Meireles (1984), nem sempre grandes escritores escreviam para a infância, como, por exemplo, Alphonse Daudet, um escritor poético e brilhante que teve a intenção de escrever para as crianças, mas aos poucos a linguagem, os fatos e os pensamentos se complicam e “era uma vez um livro infantil” (MEIRELES, 1984, p. 117). Para Meireles, não

havia uma receita, e nenhum autor seria capaz de dar essa receita por ser algo que sai de dentro dele no momento da escrita; já para a arte de contar histórias havia uma receita americana, bastava ter uma criança, um animal e sair andando e observando a paisagem.

Para a autora, um livro de literatura infantil é uma obra literária e que não deveria ser permitido que a criança lesse obras insignificantes, para não prejudicar seu gosto. Destacava ainda que a criança tem o melhor tempo disponível de sua vida e que este deveria ser bem aproveitado, e se a criança tivesse, desde pequena, contato com as obras-primas, seria possível que a sua formação fosse perfeita também, e se as idéias de Charles e Mary Lamb fossem reduzidas à forma de contos e as tragédias de Shakespeare sugeriam um aproveitamento se reduzidas criteriosamente.

Porque, assim como a sabedoria popular se foi condensado nessa Literatura Tradicional que perdura na memória humana em razão de sua utilidade profunda, também as grandes obras do engenho artístico se immortalizam pela essência que trazem, e a forma que as reveste constituindo-se em aquisições importantes para a nossa vida. Se a beleza é gratuita no seu aparecimento, é utilitária, em seu aproveitamento (MEIRELES, 1984, p. 123).

Para Meireles (1984), as primeiras leituras poderiam influenciar a criança por toda a vida, pois se podiam ver exemplos grandiosos derivados das primeiras leituras e poderia acontecer o contrário, os desastres. A autora segue questionando se os livros de uma época serviriam para as crianças de outra época, o que ela considerava como problema e os livros poderiam exercer diversos tipos de influência de um leitor para outro. No caso do herói, ela assinalava como sendo os contos religiosos os que atingiam a finalidade da santidade, nos quais ela destacava marcas orientais e chamava de arcaicos. No caso do herói ocidental, já não seriam os êxitos espirituais que o definiam e sim o ser trabalhador, vencedor e guerreiro, aquele que seria capaz de combater sua caça.

Mas, segundo Meireles (1984), os tempos mudam e com ele os valores também são substituídos por outros. A autora questionava que exemplos poderiam ser oferecidos ao jovem leitor. “A pergunta parecia grave em crises de civilização como a que atravessamos. Os valores do presente não são os do passado. Poderão ser os do futuro?” (MEIRELES, 1984, p. 133).

No século XIX, fora produzido um grande número de obras clássicas infantis, o qual foi considerado um século de fé e esperança. Com o advento da ciência, parecia-se que trazia ao homem a chave dos problemas, mas no século XX a resposta a essa ansiedade foi desastrosa, pois todos os instrumentos que eram para tornar a humanidade mais feliz e

próspera foram utilizados exatamente para destruir e causar mais desgraças. “No desastre geral, o instinto de salvação concentrou-se no indivíduo; mas onde se procurou generosidade só se encontrou egoísmo. Os puros passaram por inúteis, e os delicados, por pusilânimes” (MEIRELES, 1984, p. 134).

Meireles (1984) propala que nesse tempo as crianças a tudo assistiam assustadas, a cenas assombrosas, cenas que, conforme a autora, nenhum escritor se atreveria a escrever, mas no momento a criança tudo via e se o fato de ler já não se esqueceria das cenas, imagina o que via, presenciava. A criança estava vivendo um momento de tempos angustiosos, em que as histórias mais trágicas eram descritas em rádios, apareciam fotografadas em jornais, revistas e até nas conversas com adultos, que naquele momento não mais respeitavam o mundo da criança e diziam que em outros tempos os adultos interrompiam a conversa quando alguma criança aparecia para ouvir, e eles, os adultos, julgavam imprópria para ela, mas o momento em que estavam tudo era comentado em voz alta, sem esse cuidado com o infante.

Ah! Liberdade quantos crimes se praticam em teu nome [...] todos se julgam não apenas com o direito de pensar, mas de pensar falso. E de agir a seu modo, isto é – como parecer, ao seu egoísmo, mais conveniente. Abusando das conquistas da ciência, todos se apressam a encarar com superioridade suas deficiências, considerando-as complexos causados pelos outros, e todos procuram excluir o arrependimento, nem que tenham de aniquilar a consciência. Que leituras daremos às crianças deste século? (MEIRELES, 1984, p. 135).

Para Meireles, não havia motivo para apresentar às crianças as leituras até então usadas, pois elas as desprezariam por parecerem os livros muito ingênuos. E depois, se ainda quisesse se ensinar a criança daquele modo, seria possível que futuramente essa criança, na fase adulta, lançasse em rosto culpando-os de ter permitido tal inferioridade. Naquele momento, mudava-se a figura do herói.

Quando os bons são considerados fracos, e os trabalhadores passam por tolos; quando os maus caminham de triunfo em triunfo, sem anjo, fada ou justiça que lhes intercepte o caminho; quando a virtude parece ridícula e o instinto de gozo se confunde com Direito e Liberdade, é desanimador pensar nos benefícios da Literatura Infantil. Sedes bons, generosos, verdadeiros, e alcançareis a glória dos mártires – dizem os antigos exemplos. Sedes justos, heróicos, leais, e morrereis na humilhação, mas o futuro vos exaltará [...] (MEIRELES, 1984, p. 139).

Meireles (1984) destacava que em um mundo de velocidade e imediatista, quem seria capaz de esperar algo para conquistar depois? Se vivemos em um mundo imediatista, veloz?

O herói já não estava mais nas páginas dos livros, o herói era aquele que os jornais aplaudiam, que em lugar de coragem havia atrevimento, no lugar de inteligência esperteza, o herói era o bandido feliz, de pistolas invencíveis. Era o salteador de bancos, o contrabandista, o ladrão e assassino. Ressaltava o romance policial, que era uma história de crime, e embora se referisse ao raciocínio e aos jogos matemáticos, não perdia de vista o crime, e para descobrir o criminoso e puni-lo era necessário o detetive, mas de qualquer forma não era o detetive quem mais se destacava, pois quem fazia tudo de forma engenhosa era o criminoso, que segundo a autora era quem ficava na mente da criança como herói.

Neste sentido, ela argumentava da necessidade de uma biblioteca infantil que atendesse as crianças daquele tempo, já que as avós e amas não mais se interessavam em contar histórias, aliás, havia sim o momento de conto nas rádios, mas com desvantagens, pois havia a ausência de narrador. E em sua visão, as bibliotecas infantis eram uma necessidade da época, e que seria necessário colocar à disposição da criança uma variedade de leituras para que elas fossem demonstrando seu interesse, e assim os estudiosos do assunto pudessem ver de maneira mais fácil e saber o que interessava ao jovem. Outra questão que a autora abordava era a respeito do tamanho dos livros, qual seria o ideal para determinada criança, como também o papel, as boas ilustrações e o desenho.

Quanto à qualidade dos desenhos, talvez seja interessante averiguar o gosto das crianças pelos desenhos simplificados de ilustradores modernos, ainda que seja indiscutível o seu valor artístico no mundo dos adultos. Que certos desenhos de crianças se assemelhem aos dos artistas modernos não é a razão para que a criança os prefira. [...] (MEIRELES, 1984, p. 147).

Meireles (1984) ponderava também acerca dos problemas das revistas infantis e seus recursos comerciais. A autora finalizou um de seus livros alertando que a crise da literatura infantil era uma crise geral, e que nunca fora tão necessário discutir normas que conduzissem a criança como as de seus dias. Acrescenta que poderia até sugerir uma literatura universal, que pudesse ser utilizada por todas as crianças, o que, a seu ver, não seria uma sugestão ambiciosa, já que vivia-se em um tempo em que tudo era mais fácil em relação à comunicação e que esse era um problema mundial, e universalizar a literatura infantil com conteúdos de formação humanística como era necessário para os últimos tempos, seria possível.

Para a autora, o problema que se instalava não era a falta de livro, e sim a sua abundância, e mesmo assim a criança parecia desinteressada por ler.

Mas a crise do livro infantil não é uma crise de carência. Ao contrário, é de abundância. De tudo temos, e, no entanto, a criança cada vez parece menos interessada pela leitura. O cinema, o rádio, o noticiário rápido das revistas, tudo a trás ao corrente das ultimas atualidades: mas em tom anedótico, sem lhe solicitar profunda reflexão nem lhe inspirar grande respeito (MEIRELES, 1984, p. 152).

Tudo ia acontecendo ao redor da criança, como um espetáculo absurdo, e o homem sempre tirava vantagens. A autora citou também algumas tentativas de antologias e realçou a importância das enciclopédias e dicionários, pois a seu ver não havia nada mais poético e instrutivo do que as enciclopédias. Segundo Meireles (1984), os dicionários e enciclopédias haviam adquirido má fama. Ela descreve a enciclopédia como um vasto mundo humano de ciências e artes, das indústrias e técnica, viagens e tudo isso ao alcance das mãos, bastando apenas virar as páginas. Já os dicionários definiu como “algo que corrige a miséria da linguagem humana oriunda da infância que os pais usavam para tratar seus filhos num linguajar que a autora descreve como “geringonças de bugres” (MEIRELES, 1984, p. 154).

Para Meireles (1984), esse vício de linguagem também aparecia nas telas de cinemas com legendas mal traduzidas, em anúncios mal feitos por todas as esquinas e enfatizava que era preciso boa comunicação, e que o mundo sofria dessa “imperfeita comunicabilidade dos homens” (MEIRELES, 1984, p. 54). A autora, nas últimas linhas de seu livro, encerra com versinhos de Bárbara Heliodora, que destacam a importância não só de ler, mas ler e meditar.

4 A IMPORTANCIA DA LITERATURA INFANTIL

Pensar a literatura infantil e sua importância se faz necessário, não somente nos dias em que Meireles faz considerações do tema em questão “Problemas da Literatura Infantil”, como também nos dias atuais. Considerando a literatura infantil como atividade interativa que proporciona espaço de alegria e prazer à criança bem como o seu desenvolvimento, trata-se de um instrumento pedagógico mediado pelo professor, que contribui para o desenvolvimento da criança pequena, que não é um ser pronto e acabado, mas está sempre em processo de formação humana. A esse respeito, consultamos Vigotski (2003, p. 203):

O desenvolvimento infantil constitui o princípio básico da psicologia. Uma criança não é um ser terminado, mas um organismo em desenvolvimento e, portanto, seu comportamento vai se formando sob a influência da ação sistemática do ambiente e também com relação a vários ciclos ou períodos de evolução do próprio organismo infantil, que por sua vez determinam a relação do ser humano com o meio.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar a importância de boas literaturas infantis, pois estas também influenciam a vida do ser em fase de formação, como Meireles destacou, e, certamente, o sujeito sofrerá alguma reação, e com base em Vigotski esse ser está iniciando seu desenvolvimento.

Devemos ressignificar e reorganizar os espaços pedagógicos dentro das escolas, uma vez que a educação infantil não tem o caráter só de cuidar, mas sim de cuidar e educar. A educação, na fase infantil, é importante para a vida da criança.

Para Coelho (1991, p. 24),

A literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização [...]. Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão.

A literatura infantil deve ser de fácil entendimento para a criança que lê ou ouve e deve ter significado na sua vida. Outro ponto importante da literatura infantil é que o educador deve comentar a história lida, ensinar e permitir que a criança fale sobre a história para não ficar alheia aos seus interesses. Para Rego (1988, p. 54), um dos pontos importantes ao ensinar a literatura/história infantil é:

[...] manter-se aberta às perguntas das crianças e incentivá-las à troca de comentários sobre o texto lido, pois não se trata de simplesmente ensinar-lhes um conto ou um vocabulário, mas sim de partilhar com elas uma mesma história. É muito importante que surjam perguntas e comentários por parte das crianças, para que a história não se transforme num ritual didático alheio aos verdadeiros interesses delas.

Entende-se nesse sentido que devemos envolver a criança nesse processo de leituras, contação de histórias permitindo que essa venha a questionar, contar histórias como ela entendeu, comentar e trazer a história para sua realidade.

Cecília Meireles escreveu lindos poemas, uma arte que ela possuía, tais como as intituladas “Leilão de Jardim”; presente no livro “Isto ou Aquilo”, “A bailarina”, “O Colar de Carolina” também do mesmo livro.

É importante conceituar poesia. Para Ferreira (2001, p. 541) a poesia é “a arte de criar imagens, de sugerir emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados”.

A poesia para a criança parece uma brincadeira. Os sons e as rimas ganham um espaço de brincadeira nas atividades escolares. Nesse sentido, Moura (2007, p. 2) alega que:

As crianças pequenas se encantam com as poesias, que lhes parecem (e na verdade são) brincadeiras com palavras. O ritmo, a métrica e as rimas são logo percebidos pelas crianças, que passam a brincar de fazer poesia, focam sua atenção à sonoridade das palavras, e montam seus versinhos orgulhosamente.

O universo da poesia é amplo, rico e encantador, o professor deve ser o mediador e iniciar as crianças no mundo da leitura, preparar os momentos de leitura de forma prazerosa para a criança. A poesia desenvolve a imaginação, a criatividade e também amplia o conhecimento da criança. Poesia é literatura.

Trabalhar a literatura na educação infantil é importante porque aproxima a criança dos livros e da leitura. É importante destacar que a leitura não acontece só quando a criança aprende a ler as letras. Meireles fala da literatura oral e suas influências mesmo antes de a criança saber ler, a qual acontece também por meio dos desenhos, sons e imagens. Existe também a leitura visual que a criança faz, principalmente quando ainda não se apropriou da escrita. Segundo Craidy e Kaercher (2001, p. 83),

É igualmente importante frisar que, quando me refiro à leitura, estou concebendo-a como um processo amplo de construção de sentidos, que não se reduz apenas ao domínio da palavra escrita, mas que, fundamentalmente, abrange as diversas linguagens (gráfico-plástica, musical, corporal, imagética, etc.) que fazem parte (ou deveriam fazer) do dia-a-dia da Educação Infantil.

A interação do professor é necessária para o desenvolvimento da criança, devendo instigá-la a ler, ouvir e contar histórias desde a educação infantil, o caminho para formação de pequenos leitores. Cabe ao educador fazê-lo de forma que se torne prazerosa para a criança. Mas, notamos a falta de preparação desses profissionais, nesse sentido podemos citar Chaves (2010, p. 61).

Em se tratando da formação e atuação dos educadores, esse quadro se agrava substancialmente quando consideramos que a formação continuada, e mesmo os cursos de graduação, em geral, não tem como prioridade a preparação desses profissionais para atuar com crianças dos primeiros aos seis anos.

A falta de profissionais que estejam preparados para atuar na educação infantil faz parte da atualidade.

Meireles fala dos contadores de história, em como estes prendiam o ouvinte com sua voz. No que tange em como a criança aprende, Craidy e Kaercher (2001, p. 82) registram que:

[...] acredito que este processo se dá através da interação com o meio: em se tratando de literatura e leitura isso acontece por meio das interações que ocorrem entre as crianças, entre elas e os adultos, entre os adultos. Portanto, acredito que somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato freqüente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo desse objeto, a história propriamente dita- com seus textos e ilustrações.

Ouvir e contar boas histórias deveria fazer parte da vida de toda criança, mas atualmente notamos um distanciamento de boas literaturas infantis aliada à inserção de péssimos desenhos animados que fazem parte da rotina das crianças, como também a falta de preparação de profissionais que priorizem atividades que favoreçam a criatividade da criança. Segundo Chaves (2010) é comum observar atividades que desencantam as crianças como por exemplo as velhas cópias mimeografadas ou fotocopiadas sem nenhuma participação das crianças, sem elas terem conhecido o processo de elaboração e acabam apenas obedecendo

comandos postos nos enunciados para a realização das tarefas. Nesse sentido reforçamos o trabalho com a literatura infantil, o bom livro.

Meireles destacou a importância das gravuras em livros, mas foi clara em dizer que somente as gravuras não garantiam uma boa literatura infantil, que não deveria ser o único objetivo do livro infantil. Pode-se dizer que devemos repensar a prática pedagógica, em especial na educação infantil, como também pensar o ambiente em como está organizado.

4.1 Caixas de Encantos e Vida

A “Caixa de Encantos e Vida”² é uma proposta de recurso pedagógico idealizado pela professora Dr^a. Marta Chaves³, do Departamento de Teoria e Prática da Universidade Estadual de Maringá, orientadora deste estudo. Esse recurso foi pensado no intuito de oferecer aos professores e crianças o acesso a materiais elaborados com vistas à humanização. Observamos hoje, nas instituições escolares, um empobrecimento quanto às questões afetas à literatura e à arte. Esse material é desenvolvido na tentativa de enriquecer as práticas pedagógicas dos professores e o universo educativo das crianças.

Entendemos que a maioria das crianças vive em uma sociedade em que a miséria não é apenas material, mas também intelectual. Lhes são negados de alguma forma o conhecimento, pois a maioria das crianças não tem acesso a bons livros e a obras de arte, a não ser que professores e educadores assim o proporcionem.

[...] Neste contexto, algumas vezes podemos dizer: milhares de crianças terão em mãos apenas o que nós – professores e secretários de Educação –

² Trabalho iniciado no ano de 2010 na Universidade Estadual de Maringá com acadêmicas e mestrandas de todas as séries do curso de pedagogia, integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Infantil (GEEI), coordenado pela Professora Dr^a Marta Chaves. As produções das caixas de encantos e vida vêm sendo realizadas desde então, e apresentadas em cursos de formação de professores, em diferentes municípios como um recurso didático-pedagógico para trabalhar e mediar conhecimentos voltados para as mais diversas áreas da cultura mundial. O trabalho tem como objetivos oportunizar e desenvolver o contato das crianças com um conhecimento diferenciado e de excelência no que diz respeito às artes plásticas, literárias, musicais, entre outros. Nomes como Ana Maria Machado, Tarsila do Amaral, Cecília Meireles, Toquinho, Vinicius de Moraes e Pedro Bandeira já foram objetos de pesquisa e trabalho na produção das caixas de encanto e vida. paralelo ao desenvolvimento desses, temos outros trabalhos coordenados pela professora Dr^a Marta Chaves voltado ao ensino na Educação Infantil como: As caixas que mostram telas, Livretos e Dicionários.

³ Possui graduação em pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (1993), Mestrado em Educação pela UEM (2000) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2008) atualmente é professora assistente do departamento de Teoria e Prática da Educação da UEM e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de educação com ênfase em história da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Infantil, Educação, teoria histórico-cultural, arte e intervenções pedagógicas.

colocarmos nas mãos delas. Isto equivale a postularmos que os filhos dos cortadores de cana, dos trabalhadores das usinas, dos frigoríficos ou das indústrias só terão acesso de forma sistematizada aos bens culturais se lhes disponibilizarmos esses bens, isto é, se os ensinarmos a eles e os apresentarmos nas paredes, nos muros, nos painéis ou em cartazes, cadernos, textos e livros (CHAVES, 2010, p. 100).

O acesso à literatura e à arte pode ser capaz de desenvolver, tanto nos professores quanto nas crianças, a capacidade de entender o mundo, desde que aliado ao bom ensino. Nesse sentido, defende-se uma educação com vistas à humanização e ao acesso aos bens mais elaborados produzidos pelo homem. Essa defesa se firma em princípios da Teoria Histórico-Cultural, a qual permite pensar e organizar o ensino para que todos desenvolvam as capacidades humanas superiores.

O recurso didático “Caixas de Encanto e Vida” objetiva, em sua essência, a oferecer às crianças a possibilidade de acesso à cultura humana mais elaborada. Por isso, sua idealização é baseada em estudos da Teoria Histórico-Cultural bem como da formação de educadores e práticas pedagógicas. Esse material, desde que usado em benefício do ensino, pode instigar as crianças ao conhecimento, pois favorece o desenvolvimento da curiosidade, imaginação, busca de elementos e da organização.

[...] o trabalho pedagógico, seja qual for a área do conhecimento, pode, de acordo com a Teoria Histórico-Cultural, potencializar as funções psicológicas superiores. Nessa perspectiva, a sensibilidade, a curiosidade, a atenção, a memória e a percepção podem ser desenvolvidas com conteúdos, estratégias e recursos de ensino adequados, e a literatura infantil apresenta-se como fundamental em um processo educativo humanizador. Para nós, essa possibilidade não dispensa – ao contrário, coloca como essencial – a necessidade de rigor e critério para organizar o trabalho educativo no tocante à já mencionada tríplice condição da literatura infantil: de conteúdo, de estratégia e de recurso didático (CHAVES, 2011, p. 99).

Para referirmo-nos a esse material pedagógico, destacaremos a “Caixas de Encantos e Vida” pautados na expoente da literatura Cecília Meireles. Pensamos nesse trabalho não apenas como mais um material lúdico que facilitará o trabalho do professor, mas como instrumento que poderá despertar na criança o interesse pelo que há de mais elaborado na literatura.

Na caixa denominada Cecília Meireles, podemos visualizar primeiramente os detalhes e encantos que convidam a abrir esse material. As crianças são instigadas a abrirem a caixa e podem se surpreenderem com os materiais ricos e encantadores organizados ali.

Consideramos nesse trabalho a atenção voltada para a escolha dos materiais a serem utilizados na elaboração da caixa. Primeiro planejamos, pesquisamos, conhecemos e pensamos sobre a pessoa a ser representada pela caixa de encantos e vida, seu trabalho, biografia, curiosidades, família, viagens entre outras características. Depois relacionamos o máximo possível o tipo de materiais usados, como tecidos, cores, formas, letras, texturas e objetos com a personalidade e características do trabalho do personagem. Na caixa de encantos e vida encontram-se diversos saquinhos, todos identificados, neles podemos obter muitas informações e nos surpreendermos com materiais que concretizam os aspectos neles destacados. Os materiais são organizados partindo de elementos encontrados ou descobertos sobre a autora em pauta. Os saquinhos destacam características como: vida da autora, dedoches, avental e ficha de linguagem para contação de história, poemas diversos plastificados, que são do livro “Ou Isto ou Aquilo”, capas dos livros com sinopse (fotos desse recurso em anexo). Há também álbum de fotos em diversos lugares visitados por Meireles, um livro intitulado “Criança Meu Amor”, no qual a autora escreve para uma criança, mas a uma especificamente, que ela julga que um dia encontraria o livro e se maravilharia com a sua bela obra.

A “Caixa de Encantos e Vida” foi elaborada pensando essencialmente nas crianças, em todas as crianças que merecem o acesso a uma vida digna e de fato justa. Esse material em sua totalidade leva em consideração a especificidade da infância, por isso é encantador. Oferece a possibilidade de levar para as crianças o acesso a boas literaturas e a obras de arte. Nesse sentido, este recurso pedagógico se figura como possibilidade de sistematização do ensino e apresentação de forma Lúdica de conteúdos importantes às crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos brevemente a obra e a relevância da autora Cecília Meireles para a literatura brasileira. A autora destaca a importância de boas leituras, pois são essas que nos fazem, enquanto crianças, infiltrar dentro dos livros e buscar conhecimento, viajar e nos interessar por outros contos históricos. Podemos dizer que os livros nos inspiram por toda vida.

A poeta Meireles questionava o uso dessas literaturas que visavam à narrativa, ora com fundo cristão ora com fundo pagão, mas parecia que o que importava para os escritores da época era a escrita, o ler e sempre com um fundo tradicional. Meireles falava da infância como encantadora e dizia que na criança havia algo sábio e que o tempo tirava dela, como se a criança, ao crescer, perdesse essa sensibilidade infantil e essa visão pura e sábia da infância de interpretar as boas coisas da vida.

Para a autora seria possível que as crianças se interessassem por Enciclopédias, e porque não? Desde que fossem feitas com muito carinho e aí ela nos dá uma grande lição, pois é assim que Meireles trata do livro, diz-se que ele deveria receber afeto, carinho tal como se fosse uma criança. Acredito que quando Meireles reforça a ideia do amor e carinho para com o livro ela esteja querendo dizer sobre como deveríamos pensar o livro infantil com carinho, com engenhosidade e muita dedicação e também usar o lado infantil para elaborar esse livro.

Quanto às caixas de Encantos e Vida, julgamos ser um dos instrumentos importantes que auxiliam a criança no processo de construção de pensamento, imaginação, criatividade e que lhes possibilitam o acesso às melhores literaturas infantis. A literatura infantil é fundamental na vida do infante, e, como apontamos no decorrer deste estudo, não basta ser literatura, tem que ser algo com valor literário, de qualidade para a criança, redigida com muito esmero.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma história, cinco séculos de um país em construção**. São Paulo: Leya, 2010.
- CHAVES, Marta. Enlaces da Teoria Histórico-Cultural com a literatura infantil. In: CHAVES, Marta (Org.). **Práticas pedagógicas e literatura infantil**. Maringá: Eduem, 2011. p. 97-105. (Col. Formação de Professores, EAD, n. 44).
- CHAVES, Marta. Intervenções Pedagógicas Humanizadoras: possibilidades de práticas educativas com artes e literatura para crianças na educação infantil. In: CHAVES, Marta; SETOGUTI, Ruth Izumi; MORAES, Silvia Pereira Gonzaga de. (Org.) **A Formação do Professor e Intervenções Pedagógicas Humanizadoras**. 1. ed. Curitiba: Instituto Memória Editora, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- CRAIDY, Maria. KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- LOBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MOURA, Selma. **A importância da leitura de textos na educação infantil**. 2007. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/746604>>. Acesso em: 22 set. 2011.
- PARANÁ (Estado). **Deliberação 02/2005**. Processo número 610/05. Normas e princípios para a Educação Infantil no sistema de Ensino do Paraná. Relatores: Arnaldo Vicente, Carmen Lúcia Gabardo, Glaci Terezinha Zancan, Maria das Graças Figueiredo Saad e Marília Pinheiro Machado de Souza. Curitiba, 2005.
- REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola**. São Paulo: FTD, 1988.
- SAVIANI, Dermeval. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. 3. ed. rev. Campinas. São Paulo. Autores Associados, 2010.
- UNESCO. Programa Memória do Mundo da UNESCO. Comitê Nacional do Brasil. **Registro Nacional 2007**. Arquivo Getúlio Vargas. Centro de Pesquisa e Documentação de História

Contemporânea do Brasil – CPDOC / FGV. 2007. Disponível em:

<<http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/Media/Arquivo%20Get%C3%BAlio%20Vargas%20completo.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2011.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

ANEXO

ANEXO A

Obras: Espectros, 1919; Nunca Mais e Poemas dos Poemas, 1923; Baladas para El-Rei, 1925; Viagem, 1939; Vaga Música, 1942; Mar Absoluto, 1945; Retrato Natural, 1949; Amor em Leonoreta, 1952; Doze Noturnos da Holanda e O Aeronauta, 1952; Romanceiro da Inconfidência, 1953; Pequeno Oratório de Santa Clara, 1955; Pistóia, 1955; Canções, 1956; Romance de Santa Cecília, 1957; Metal Rosicler, 1960; Poemas Escritos na Índia, 1961; Antologia Poética, 1963; Solombra, 1963; Ou Isto ou Aquilo, 1965; Crônica Trovada da Cidade de Sam Sebatiam, 1965. **Prosa:** Notícia da Poesia Brasileira, 1935; O Espírito Vitorioso, 1959; Rui 1949; Problemas da Literatura Infantil, 1951; Giroflê, Giroflá, 1956; Panorama Folclórico dos Açores especialmente da Ilha de S. Miguel, 1958; Quadrante 1 e 2 (em colab. com outros cronistas), 1962, 1963; Escolha seu Sonho, 1966; A Bíblia na Poesia Brasileira, s.d. **Há Ed. das duas poesias completas:** Obra Poética, Aguilar, 1958. **Consultar:** Mário de Andrade, O Empalhador de Passarinho, S. Paulo, Martins, 1946; Álvaro Lins, Jornal de Crítica, 5ª série, Rio, José Olympio, 1947; Roberto Alvim Correa, Anteu e a Crítica, Rio, J. Olympio, 1948; Carlos Drummond de Andrade, “Retrato Natural”, in Atlantico, Lisboa, 3ª série, nº 3, 1950; Darcy Damasceno, “Poesia do Sensível e do Imaginário”, “introdução à Obra Poética, cit. Vários, Suplemento Literário” de O Estado de S. Paulo de 20-1-1965, dedicado a Cecília Meireles (BOSI, 2006).

ANEXO B



Foto da “Caixa de Encantos e Vida” de Cecília Meireles.



Nela temos: Poemas, Linguagem, vida, fotos, obras e poesias da autora.



Nessa imagem podemos ver também o avental, fichas e dedoches para contação de História.



Nesta imagem vemos o Livro "Criança meu Amor".



Nesta imagem vemos mais de perto os saquinhos, o álbum de fotos e a Caixa.



Nesta imagem podemos ver como a caixa é por dentro.